



A Santa Sé

VISITA PASTORAL A BRÉSCIA, ITÁLIA

26 DE SETEMBRO DE 1982

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
NO ENCONTRO COM OS JOVENS NA PRAÇA PAULO VI**

Domingo, 26 de Setembro de 1982

Caríssimos Jovens!

1. Desejei ardentemente este encontro convosco. Do íntimo do coração vos dirijo a minha afectuosa saudação.

Neste momento, festivo e cordial, sinto-me próximo de toda a cara juventude de Bréscia: de todos os que formam o tecido juvenil da vasta e populosa Igreja de São Faustino e São Juvita, nos três vales brescianos, na cidade e nos subúrbios, na planície.

Jovens de todas as categorias e condições, pertencentes ao mundo estudantil e ao mundo do trabalho nos campos e nas fábricas, sabeis que estais todos presentes no coração do Papa e sois por Ele calorosamente saudados e abençoados.

2. O nosso encontro realiza-se nesta praça intitulada a Paulo VI e ornada de grandes memórias, as quais partindo de épocas remotas, configuram o rosto histórico de Bréscia, cidade romana e neoclássica, comunal e ressurgimental, devota e intrépida. É o rosto de Bréscia católica, cujas raízes seculares são testemunhadas pela vetusta Rotunda da antiga Catedral, enquanto as maciças e vastas expansões dos séculos seguintes parecem encontrar perfeita representação nas linhas altas e nítidas da nova Catedral.

Há mais. Este ambiente reevoca à nossa comovida recordação a mocidade e a juventude do vosso grande concidadão e meu inesquecível predecessor, o Papa Paulo VI.

Foi aqui que ele se preparou para a vida, primeiro protegido pelo doce e fervoroso ambiente familiar da rua das Graças, e depois inserido em instituições de provado valor e de não comuns benemerências, como o colégio Arici, o oratório filipino da Paz e o seminário diocesano.

Aquela juventude serena e meditativa, que aqui conheceu as primeiras experiências da amizade, do apostolado, das batalhas jornalísticas, teve o seu epílogo na ordenação presbiteral, que Dom João Baptista Montini recebeu nesta catedral: daqui teve início o itinerário seguinte, que o afastou de Bréscia e o levou, sucessivamente, através de ministérios cada vez mais empenhativos, à missão de Pastor da Igreja universal.

Mas na variação de tempos e de lugares, os pensamentos do vosso grande Conterrâneo voltavam com frequência aos anos de juventude, "sempre conservados na memória e no reconhecimento ao Senhor, pelas tantas graças de que foram enriquecidos" (*Insegnamenti di Paolo VI*, III, 1965, p. 1021).

Daquelas recordações o Papa Paulo tirou um princípio de vida que me apraz recordar aqui. Falando aos sacerdotes desta diocese, Ele disse um dia: "Da medida do tempo passado tira a sua razão de ser e o piedoso segredo da sua beleza, o culto que devemos à tradição. A tradição, no seu significado solene e teológico, de transmissão da Palavra de Deus, ... e à tradição no seu significado mais modesto e bastante menos empenhativo, que podemos chamar história local, tesouro também ele precioso, quando nos traz o que de bom a experiência, a sabedoria e o carácter peculiar de uma gente deixam em herança de geração em geração, não como peso a carregar e travão a tolerar,... mas como feixe de luz que projecta os seus raios sobre os caminhos futuros e estimula os passos para mais franco caminho" (*Insegnamenti*, VIII, 1970, pp. 602-603).

3.É um ensinamento de enorme alcance. Desejo repropô-lo hoje a vós, meus caros jovens, com a mesma energia com que Paulo VI o exprimiu naquela circunstância. E acrescento: sede dignos da vossa nobre e rica tradição. Fazei honra à soma de experiências e de obras herdadas dos antepassados, muitas das quais deram honra também fora das fronteiras locais ao nome de Bréscia católica.

É exigência e problema de fidelidade.

A fidelidade não se esgota na diligente guarda e na sábia valorização do património recebido do passado. A fidelidade é olhar projectado sobre o futuro e compromisso para o porvir. Este foi um dos pontos focais da paciente pedagogia pós-conciliar de Paulo VI (cf. p. ex. *Insegnamenti*, XIV, 1976, p. 200). Queria que fosse também a estrela polar da vossa juventude. O Papa Paulo VI já não existe, já não está entre os vivos. Mas nós vemo-lo hoje jovem. Vemo-lo jovem entre os jovens da sua cidade. Recuamos de duas ou três gerações, e vemo-lo jovem como vós sois jovens. Que desejaria dizer-vos aquele Paulo VI que já não está entre os vivos, mas outrora era jovem bresciano, jovem de Bréscia? Que desejaria dizer-vos? Isto.

Vós colocais no amanhã, e justamente, o objectivo das vossas expectativas. Não há um amanhã que nasça do nada. Não há, não pode haver um futuro construído no vácuo e sobre areias móveis. Só baseando-vos no património dos valores humanos e cristãos, conquistados pelas gerações dos jovens de ontem, vós podereis fazer progredir o mundo de hoje rumo a novas e válidas metas.

4. Caríssimos, vivei a *vossa juventude segundo um estilo genuinamente cristão*. Isto é, demonstrei com a profundidade das convicções e com a coerência do comportamento que Jesus Cristo é nosso contemporâneo. Então, não só Paulo VI. Jesus Cristo é nosso contemporâneo. Assim vivemos a tradição. Com os tesouros do passado construímos o futuro, o porvir. Então Jesus Cristo é nosso contemporâneo; não uma insigne descoberta de museu, mas o Vivo absoluto, o *companheiro de viagem do homem do nosso tempo*.

O cristianismo é a religião dos jovens. Esta não é uma frase feita, nem sequer, bem entendido, uma afirmação exclusivista. A Palavra do Senhor é destinada e adequada a todos. Todavia revela uma particular afinidade com a idade juvenil pela sua íntima virtude de recuperação e de regeneração, pela sua misteriosa capacidade de reproduzir continuamente o ritmo do itinerário espiritual sobre o impulso, a generosidade, o entusiasmo que são típicos da quadra juvenil.

O favor da idade é um bem imenso e, juntamente, passageiro. Ai de nós se o esquecemos. O Evangelho estende um véu de silêncio sobre o destino daquele jovem que não teve coragem de responder "sim" ao convite de Jesus (cf. *Mt 19, 16-30; Mc 10, 17-22; Lc 18, 18-30*). Um jovem rico, mas não feliz; uma personagem sem progresso e sem história, à qual nenhum de vós, meus caros jovens, quereria emprestar o próprio nome.

Estou certo que desejais reconhecer-vos, pelo contrário, naqueles vossos coetâneos que com vibrantes aclamações deram testemunho a Cristo na sua entrada em Jerusalém, ao aproximar-se da Paixão.

Paulo VI desejou que o acento juvenil daquele acontecimento tivesse expressão concreta durante os ritos litúrgicos do Domingo de Ramos na basílica vaticana, e instaurou o belo costume de se rodear de jovens naquela circunstância. Isto para colocar bem em luz que, entre o povo que teve a intuição messiânica, "os mais entusiastas e activos foram os jovens. Eles foram os arautos do Messias. Adivinharam; expuseram-se, com sinais de audácia, de felicidade e de alegria. Compreenderam que aquela era a hora de Deus" (*Insegnamenti*, XIV, 1976, pp. 242-243).

5. A hora de Deus é também hoje. A juventude sabe-o, ou pelo menos intui-o. O Padre Júlio Bevilacqua, o ardente "cardeal-pároco", o incomparável mestre e amigo de gerações inteiras de brescianos, ao analisar a crise da juventude moderna, com a sua característica energia prorrompente notava, embora entre aspectos negativos, a presença de um "instinto vital, o qual diz que sobre o 'não' não se pode construir a vida" (*La parola di padre Giulio Bevilacqua*,

Morcelliana, Brescia, 1967, p. 78).

O "sim" a Cristo deve ser o sinal indelével do vosso estilo de vida. Um "sim" total e límpido, decidido e pleno, isento de sofismas, equívocos e vacilações. O sentido agudo do hoje que é característica vossa, jovens, deve ser harmonizado e animado por uma visão de fé, pela certeza de que Cristo Ressuscitado opera na história de hoje e no coração do homem.

Jovens são e fortes, eu falo ao vosso coração marcado pelo sigilo de Cristo. No seu nome e com a sua autoridade repito-vos a mensagem das bem-aventuranças, toda permeada por virtude celestial e, ao mesmo tempo, encarnada na fadiga quotidiana de viver. E digo-vos: medi-vos com as alturas de Deus e sede assíduos na exploração das zonas mais recônditas do vosso mundo interior. Encontrareis sempre uma resposta aos vossos "porquês". Quem é Cristo? Quem é Cristo? Cristo é aquele que sabe dar a resposta a todos os nossos porquês. Compreendereis que mil dificuldades não têm a força de provocar a dúvida: que nenhuma pedra pode tornar frágil a construção da honestidade, da castidade, da generosidade. Com a voz do Concílio Vaticano II repito-vos: "A Igreja olha para vós confiante e com amor... Olhai para ela e nela encontrareis o rosto de Cristo, o verdadeiro herói, humilde e sábio, o profeta da verdade e do amor, o companheiro e amigo dos jovens" (*Mensagem do Concílio Vaticano II aos jovens*).

6. Nenhum de vós, caríssimos, deve por outro lado esquecer que tal experiência pessoal de Cristo traz consigo um precioso compromisso de testemunho para com aqueles que ainda não tiveram a felicidade de um tal encontro libertador com o Redentor. Como é possível, de facto, conhecer Cristo e descobrir n'Ele a resposta resolutiva às expectativas mais profundas do homem e não experimentar instintivamente a necessidade de fazer participar, também os outros, da alegria que tal descoberta, como de fonte inexaurível, jorra?

Cada um de vós tem o dever de ser "profeta" de Cristo entre os próprios coetâneos, de ser apóstolo dele. A quem já não tem esperanças, a quem já não sabe abrir-se aos outros, a quem se diz pago pelas coisas materiais, a quem é vítima do consumismo, do medo, do frenesi do prazer, vós deveis anunciar o Senhor ressuscitado, a sua vida, a sua esperança, o seu Reino e o seu amor.

Vivei Cristo e "contagiareis" ainda o mundo! O homem de hoje, e sobretudo o jovem, está em busca da verdade que dá liberdade e futuro: há necessidade de vós, há necessidade de jovens que saibam apresentar de modo verdadeiro, convicto e encarnado, a mensagem de Cristo; de jovens que saibam com sinceridade e continuidade fazer dom da Realidade que os atingiu e envolveu, que os supera e os estimula a semear nos sulcos da história quotidiana germes de infinito.

7. Em tal tarefa podem ser-vos de grande ajuda as obras e as organizações especificamente destinadas à juventude, que constituem uma parte conspícua — admirada por muitos — da

tradição bresciana.

Com verdadeiro agrado vi que o Sínodo diocesano, recentemente concluído, dedicou uma secção à pastoral dos jovens e das crianças, recordando princípios e delineando orientações no sentido de valorizar as associações, os movimentos, os grupos juvenis, a fim de que sejam cada vez mais correspondentes ao impulso renovador que deve animar todos os estratos de uma comunidade que segue Cristo e O anuncia, e igualmente correspondentes às necessidades das novas gerações.

Neste contexto apreciei em particular o espaço dedicado na reflexão sinodal aos Oratórios. Gerações inteiras encontraram em tais ambientes amparo, estímulo, conforto e alimento para um válido caminho de fé.

A fórmula oratoriana, que remonta à genialidade criativa de Santos, amigos da juventude, como Filipe Néri e João Bosco, e em Bréscia se orgulha de uma história peculiar, continua a ser de viva actualidade. Em muitas ocasiões Paulo VI elogiou-a e recomendou o seu desenvolvimento.

Fazendo meu o pensamento do grande Pontífice, faço votos por um incremento cada vez maior dos Oratórios, certo de que deles aproveitarão todas as beneméritas instituições, que se propõem a evangelização e a catequese do mundo juvenil.

Caríssimos, muitos dos vossos coetâneos andam em fadigosa busca de valores autênticos, mas não raro percorrem caminhos de morte, mais que de vida e de esperança. A eles deveis levar-lhes as certezas que vos vêm de estardes radicados em Cristo e na Igreja, de vos aproximardes da palavra de Deus e de vos nutirdes da Eucaristia. Há necessidade de cada um de vós. Senti-vos devedores de quem está na dúvida e na angústia, de quem já não sabe crer nem esperar; senti-vos devedores para com todos do amor de Cristo que vos atingiu e salvou, e, amparados por Ele, levai a mensagem da sua alegria a cada jovem, a cada homem, a cada irmão.